



Metodologias da Folkcomunicação: uma avaliação da VI Conferência

Cristina Schmidt

Universidade de Mogi das Cruzes e

Universidade Braz Cubas

Resumo

Este texto pretende fazer uma avaliação da VI Conferência de Folkcomunicação, realizada em Grussaí no período de 03 a 06 de abril de 2003. Nessa avaliação procuramos enfatizar os trabalhos mais relevantes no que se refere às preocupações da Rede Folkcom, ou seja, trabalhos que apresentem uma reflexão teórico metodológica e contribua para a construção do campo da Folkcomunicação. Além disso, buscamos destacar a importância de novas construções a partir do referencial de Luiz Beltrão, bem como apontar novos pesquisadores que já se destacam nesse âmbito.

Palavras-chave :

Folkcomunicação, metodologia, folkmídia

1. Introdução

A temática da VI Conferência Nacional de Folkcomunicação, da Rede Folkcom, voltou-se para o estudo das manifestações folclóricas veiculadas na mídia que trazem um universo complexo de linguagens visuais, orais, impressas, digitais com referências locais, regionais, nacionais e internacionais. O cenário apresentado por essas mídias apontou dezenas de estudos – cerca de sessenta papers - que fundamentaram a estruturação do evento em um Colóquio, três Painéis e dez CTAs – Comunicação de Trabalhos Acadêmicos.

O Colóquio Acadêmico da Rede Folkcom, em sua segunda edição, iniciou as atividades da VI Conferência com o objetivo de apresentar o percurso da Rede e a história das Conferências Nacionais e pesquisas desenvolvidas, os eventos realizados, bem como a relação com a UNESCO/Umesp, fazer o lançamento e reflexão da Revista digital e das propostas para a próxima conferência nacional. Além disso, durante o colóquio firmou-se a preocupação em buscar a referências metodológicas apropriadas e a precisão conceitual e temática para as pesquisas no campo da folkcomunicação.



Os trabalhos se iniciaram com a apresentação da temática “A inserção da Rede Folkcom no processo de globalização” pela Presidente da Rede Folkcom, a Profa. Dra. Cristina Schmidt, que também relatou o processo de institucionalização da Rede. Durante todo o ano de 2002, a diretoria da Rede Folkcom – eleita na cidade de Santos, por ocasião da V Conferência - se empenhou em criar condições para que a Rede se transformasse em uma entidade não governamental de pesquisa científica. Para isso, foram realizadas reuniões de elaboração do Estatuto, que foi aprovado em assembléia extraordinária no XXV Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação – Intercom 2002, na cidade de Salvador, Bahia.

Em sua apresentação, a Profa. Cristina Schmidt (UMC – UBC) frisou que os eventos da Rede FOLKCOM têm se preocupado em definir previamente um recorte de estudo dentro do âmbito da folkcomunicação. A finalidade de tal postura está em estimular a reflexão e produção acadêmica com referenciais e parâmetros pertinentes ao campo da folkcomunicação, além de proporcionar uma concentração mais sistematizada em determinadas temáticas de acordo com os aportes contextuais. Lembrou que após a escolha da temática, a definição dos objetivos da VI Conferência ficou por conta de um amplo debate que envolveu vários pesquisadores de todo Brasil. O objetivo da VI Conferência, então, foi “estudar a difusão do folclore pelas indústrias midiáticas, identificando os elementos incorporados e reestruturados por ela, além de localizar os aspectos singulares e os globalizados. Com isso, analisar como a indústria midiática dimensiona tais modos de pensar, sentir e agir dos grupos sociais e das comunidades”.

Salientou ainda que, para fazer essa leitura é preciso desconstruir os referenciais científicos e políticos que usufruem o universo do popular bem como dos estudos e conceitos de folclore. Sob a ótica das teorias da Folkcomunicação propostas por Luiz Beltrão, visualiza a possibilidade de atualizar e analisar as interações entre o local e o global nos processos folkmidiáticos, uma vez que Luiz Beltrão “reconheceu o universal que subsiste na produção simbólica dos grupos populares, percebendo ao mesmo tempo em que os dois sistemas comunicacionais continuarão a se articular numa espécie de *feed-back* dialético, contínuo, criativo.”(MELO: 2001). O esforço investigativo da VI Conferência dirigiu-se para esse processo de mediação e re-apresentação como folkmídia.

O Colóquio Acadêmico contou ainda com a apresentação da Profa. Dra. Maria Cristina Gobbi (Umesp), que relatou as experiências da Cátedra Unesco/Umesp, inclusive,



pontuando o papel da Cátedra como criadora da Rede e principal incentivadora dos estudos e pesquisas nessa área. Na palestra, cuja temática foi “A folkcomunicação como disciplina científica: o papel articulador da Cátedra Unesco/Umesp”, a professora relatou a história da Cátedra e suas frentes, bem como fez uma retrospectiva das cinco conferências de Folkcomunicação realizadas desde 1998. Por fim, apontou a necessidade da Rede Folkcom caminhar autonomamente, mas demonstrou a disposição da Cátedra em apoiá-la permanentemente. E finalizou apontando a necessidade da delimitação da Folkcomunicação enquanto disciplina científica. A apresentação de Cristina Gobbi trouxe também um levantamento bibliográfico das produções da Cátedra Unesco/Umesp e do Programa de Pós-Graduação da Universidade Metodista de São Paulo. Esse levantamento consistiu em quantificar e nomear os livros, artigos, capítulos, CDRom’s, dissertações e revistas que tratam de temáticas relacionadas a folkcomunicação, folk-mídia, cultura popular e demais manifestações culturais ligadas a área da comunicação social.

Como uma das iniciativas da Rede, a Revista Internacional de Folkcomunicação teve sua apresentação feita pelo Prof. Dr. Antonio Teixeira Barros (UNICUB), com a temática “Folkweb: revista internacional de folkcomunicação” onde também demonstrou a preocupação em demarcar o campo da folkcomunicação, bem como a ampliação dos conceitos de Luiz Beltrão. Além disso, colocou a revista digital como um espaço para a divulgação da produção acadêmica de novos pesquisadores.

A abertura oficial do evento ocorreu com a conferência “Folkcomunicação na Aldeia Global: a difusão radiofônica da música folclórica” proferida pela Profa. Ms. Esmeralda Villegas (Bucaramanga/Colômbia). Na explanação contextualizadora da professora, foi possível visualizar a relação da comunicação comunitária com a globalização. Buscando aportes teórico metodológicos, Esmeralda definiu conceitos de comunicação comunitária, folclore e globalização. Através da experiência em programas da Rádio Educativa local, e particularmente de alguns grupos musicais, apresentou trechos de músicas e das locuções em que pode demonstrar e localizar a presença da globalização. Após analisar e exemplificar amplamente o tema, ela finalizou levantando problemáticas sobre a globalização e sua interferência nas produções culturais desafiando os pesquisadores presentes a pensarem suas realidades regionais.



2. Aspectos teóricos e metodológicos

Seguindo essa linha de definição metodológica da Folkcomunicação, os Painéis iniciaram com a temática “Folkmídia: aspectos teórico metodológicos” e contou com a apresentação dos pesquisadores: Prof. Ms. Osvaldo Meira Trigueiro (UFPB) falando sobre os aportes fundantes “Folkcomunicação: conceito de Luiz Beltrão no tempo e no espaço”, Prof. Ms. Severino Lucena (UFPB e UNIVATES) através de um panorama cronológico de trabalhos apresentados – demonstrou o percurso do principal seguidor de Beltrão com a temática “A nova abrangência da Folkcomunicação segundo Roberto Benjamim”, Prof. Ms. Alfredo Dias D’Almeida (Umesp) refletiu conceitos delimitadores da folkcomunicação e trouxe as definições de “Folkmídia a conceituação inovadora de Joseph Luyten”, e o próprio Prof. Dr. Joseph Luyten (Umesp) enviou seu texto, que elucidou “A função e a utilidade da folkmídia” e, por fim, o Prof. Dr. José Marques de Melo (Cátedra UNESCO/Umesp) versou sobre a temática da conferência, “Folkmídia: difusão do folclore pelas indústrias midiáticas”

O prof. Osvaldo Meira Trigueiro (UFPB) iniciou a atividade falando do percurso de Luiz Beltrão elucidando o início de seu trabalho nesse campo, em 1965, com a publicação de um artigo sobre ex-voto. Esse seria o início do que mais tarde constituiria a teoria da folkcomunicação. E destaca o interesse do pesquisador em estudar “as novas relações socioculturais dos líderes de opinião local com as culturas das mídias.” Trigueiro localiza em Beltrão o papel desse líder como o mediador de um processo de comunicação onde a mensagem, elaborada artesanalmente, e veiculada horizontalmente para atingir um público familiar àquela mensagem. E faz questão de colocar o conceito de folkcomunicação, ou seja, “o conjunto de procedimentos e intercâmbio de informações, idéias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e meios diretos ou indiretamente ligados ao folclore”

Em seguida, a leitura do texto do Prof. Dr. Joseph Luyten, que buscou precisar o conceito e o contexto da Folkmídia. Para ele, os assuntos que estavam em questão e que mereciam uma definição eram: folclore, folkcomunicação e folkmídia. Todos analisados sob a ótica da comunicação, mas o aspecto predominante é o da comunicação de massa ou da



indústria cultural. E, conforme Luyten (2003) “Não podemos pretender isolar o mundo de hoje em segmentos que separem as atividades intelectuais e comunicativas daquilo que se resolveu chamar de Mídia”.(Beltrão, 1980,p.24)

Em seu texto, argumenta que para o comunicador interessado na cultura popular não pode descartar “os processos usados para a sua divulgação, sejam estes inseridos dentro do ambiente folclórico em si – **folkcomunicação** – ou através dos meios de comunicação social – **folkmídia**”. Além disso, enfatiza que um pesquisador que se propõe a realizar estudos nesse contexto, não pode ignorar a realidade dos fatos. “Somos pesquisadores para procurar entender e explicar os fatos já existentes”. Segundo Trigueiro, com essa teoria é possível estudar as lacunas que investigadores de comunicação deixam ao ignorar a função dos intermediários no processo de comunicação interpessoal. E ainda, localiza o papel desse intermediário no contexto da globalização e da maior presença de tecnologia de comunicações em todos os setores da sociedade, diferente do momento estudado por Beltrão. Para Trigueiro, o mediador assume um novo papel que é o de “mediador ativista, ou seja, “agentes culturais que atuam em ações em prol de uma melhor qualidade de vida local. São mediadores ativistas que operam dispositivos de comunicação das redes de cooperações e solidariedades (...). O mediador ativista da folkcomunicação opera em esferas diferentes do campo de interesse da mídia hegemônica, inventa novas interações socioculturais de convivências entre as tradições locais e a vida moderna como forma de estar sempre atualizado com o que acontece no mundo de fora, com a visão dos muitos lugares.”

Para situar a recepção, Trigueiro utiliza Paulo Freire e diz que, também a audiência é ativa onde os sujeitos tem suas próprias histórias dentro de um contexto e que se inter-relacionam através das mais variadas formas de vínculo e comunicação interpessoal. Para ele, o mediador ativista tem um novo papel de interlocutor – “estrategista” - com os diferentes grupos, e não mais de intermediador, e com isso possibilitar aos grupos que suas mensagens locais veiculem em uma escala global. O professor define amplamente os conceitos de mediador ativista e audiência ativa como nova possibilidade de estudo da folkcomunicação no mundo globalizado, e conclui sinalizando que somente com estudos de campo – empíricos – é possível “avançar na construção de uma teoria contemporânea da folkcomunicação”.

Dando continuidade a discussão metodológica-conceitual o professor Alfredo D’Almeida (Umesp) objetivou “discutir o conceito de folkmídia apresentado no V Folkcom e

no Congresso da Intercom de 2002 por Joseph Luyten. Para ele, folkmídia define um campo de estudos da comunicação em que se investiga a presença de elementos da cultura popular na mídia de massa e a maneira pela qual os sujeitos dos meios de comunicação (re)interpretam e utilizam esses elementos”. (D’Almeida, 2003)

Em sua explanação, as concepções de Luyten oferecem embasamento para “novos objetos e linhas de pesquisa em folkmídia que ampliam o conceito de sistema de folkcomunicação, de Luiz Beltrão”. Segundo D’Almeida, “o próprio conceito de folclore utilizado por Beltrão ganhou em amplitude. Aí, citando o pesquisador, avalia que o folclore “passou a englobar todas as manifestações oriundas do povo como tal, (...) sendo originário especificamente da camada popular em oposição às elites”.

Mais adiante em sua apresentação, define o conceito de *folk media* como sendo “os canais específicos utilizados pelos comunicadores populares nas manifestações culturais, folclóricas ou não — o folheto, da literatura popular; os bonecos, do mamulengo. Canais que também podem ser utilizados como ferramenta ou o meio para a difusão de inovações”. E também faz uma retrospectiva histórica do conceito que tem origem em Londres, 1972, por ocasião de um evento internacional de planejamento familiar. E faz o percurso juntamente com Luyten que apresenta como folkmídia, concebendo como o campo dos estudos da comunicação que compreende o tratamento da mídia aos elementos da cultura popular, ou melhor, a folkídia viabiliza estudos que investigam a presença do folk na mídia. Para Luyten, é importante destacar esse termo e compreendê-lo como um fenômeno que a cada dia se torna mais presente no cotidiano dos vários grupos culturais através dos meios de comunicação. Além do que, os estudiosos da comunicação demonstram maior interesse nesse fenômeno que a cada dia relaciona formas distintas de comunicação.

Nos estudos de processos folkmidiáticos, de acordo com Joseph Luyten (2003) “cabe-nos analisar a maneira pela qual os meios de comunicação de massa recuperam e recodificam as manifestações populares, seus códigos, seus simbolismos e sua iconografia, bem como a influência dos produtos da cultura de massa no âmbito da cultura popular.”

José marques de Melo, resgata a proposta temática da VI Conferência e apresenta o paper “Folkmídia: a difusão do folclore pelas indústrias midiáticas”. Em seu texto, Melo enfatiza que o século XXI surgiu sob o signo da globalização e faz com que, desde o início, surjam agentes anti-globalização que atuam nos vários segmentos sociais de elite, enquanto as



camadas populares são meros espectadores midiáticos. Esses, porém, segundo o professor, serão envolvidos por um outro processo que está ligado ao imaginário. “Trata-se do mosaico cultural que a mídia globalizada enseja diariamente, rompendo o isolamento social em que os cidadãos comuns viveram até recentemente”(Melo, 2003). Os referenciais culturais de de todos os povos circulam e estão acessíveis, disponíveis a qualquer momento e por qualquer pessoa. A esse movimento o professor avalia como uma continuidade do que Marshal McLuhan apresenta em seu livro *The Mechanical Bride* (1951) e que para Melo, esse processo foi contemplado e dimensionado por Luiz Beltrão no contexto da folclore, na formulação da teoria da folkcomunicação.

Melo continua sua apresentação mostrando como o folclore midiaticizado pode ter dupla face. Passa pela formação da Cultura Nacional, através de junções de traços de muitas civilizações durante a história, e daí resultando na cultura popular. Situa a outra fase da configuração cultural, quando do surgimento da cultura de massa e das indústrias simbólicas.

Aponta novas matrizes da cultura mundial que se apresentam no mercado mundial da cultura massiva, e finaliza destacando a importância da temática central do evento como uma maneira de “inventariar a atuação da indústria midiática na difusão do folclore” e principalmente, a reunião de uma nova geração de pesquisadores de folkcomunicação.

3. Olhares Regionais sobre a folkmídia

Depois da explanação metodológica no primeiro painel, pesquisadores foram designados para apresentarem seus estudos seguindo as orientações para a discussão temática da conferência, a partir de estudos que trouxessem análise de manifestações regionais onde a mídia as registrasse. Seguindo essa metódica, o professor mestre Marcelo Pires de Oliveira (UNITAU) apresentou o trabalho “A imagem das figureiras de Taubaté através da imprensa”, a mestrande Carla Pollake da Silva (Umesp) suas reflexões sobre “Casaca: o som capixaba na mídia”, a professora mestre Marlei Sigrist (UFMS) trouxe um estudo intitulado “Ñe’ê ngatu: o comunicador da fronteira Mato Grosso do Sul-Paraguai” , o professor Sérgio Luiz Gadini (UEPG-PR) apresentou o estudo sobre “A cultura ucraniana na radiodifusão paranaense; folclore e expressão midiática da cultura dos grupos étnicos” e, o professor Arthur Soffiati



(UFF), que apesar de não seguir a metodologia do evento, trouxe uma reflexão sobre “As pressões do mercado e as mudanças na cultura material produzidas pelos dependentes do ecossistema manguezal”

O trabalho do professor Marcelo analisou como os jornais da região do Vale do Paraíba constroem a imagem das figureiras de Taubaté pretende analisar como os jornais ajudaram a construir a imagem das três irmãs e principais figureiras dessa cidade: Edith, Maria Cândida e Maria Luiza. Segundo dados de sua pesquisa, elas “se tornaram ao longo das décadas de 70 até 90 nos ícones da arte figurativa taubateana”. E ainda, contextualiza a situação dos figureiros afirmando que existe uma necessidade de buscarem uma identidade como artesão a fim de se manterem com uma atividade produtiva e de sustentação econômica. Por essa razão existe uma competitividade muito grande a fim de se tornarem líderes ou tão referência quanto as irmãs pioneiras.

O professor avaliou que a imprensa teve papel fundamental na divulgação da arte figurativa de Taubaté. Mas demonstra que existem uma série de artesão que ficam a margem de qualquer espaço na mídia, e assim muitas vozes deixam de ser ouvidas para apenas terem lugar alguns escolhidos, no caso as três irmãs. Os jornais de região elegeram “como suas fontes primárias e muitas vezes únicas para realizar suas matérias. O que se observa no acervo de recortes de jornais do Museu Municipal de Taubaté é a existência de muitos artigos e na maioria deles (podemos destacar no mínimo oito) as irmãs são as personagens principais” constata o professor.

Nessa linha, Marcelo considera que quando a imprensa toma tal posição elegendo três representantes permanentes de toda uma comunidade de artesãos, as irmãs tiveram o privilégio de divulgar seu trabalho e conquistar espaço mercadológico no Brasil e fora dele. Enquanto os demais figureiros, que apresentam tanta qualidade e desempenho técnico-profissional, inclusive com uma ampla casa de artesanato figurativo e uma rua inteira com suas casas-ateliê, são pouco reconhecidos. E conclui que “a análise dos artigos de jornais mostra como a imprensa, na sua pressa e na necessidade de ter um respondedor profissional criou uma simbologia e destacou apenas três nomes como representativos de uma comunidade, ignorando praticamente outros figureiros”.

Em seu trabalho, **Carla Pollake da Silva** teve como objetivo apresentar as características do congo capixaba que surge com novo formato mas com referências no congo



popular tradicional. “Se o som das casacas e tambores, antes, se restringiam às festas populares de rua, agora, misturado ao som das guitarras, baixo e teclado, caiu no gosto dos jovens – crianças e adultos também – e da mídia”, argumenta a pesquisadora.

Depois de fazer explanação sobre as características dos “congos”, Carla apontou como a mídia acaba privilegiando a nova geração de músicos, deixando fora de pauta manifestações mais tradicionais. Porém, segundo ela, “há cerca de cinco anos vem acontecendo um movimento de valorização da música capixaba, e se viu a necessidade de divulgação da mesma”. Esse novo formato de congo foi se fortalecendo e ultrapassou os limites do estado e a ‘nova’ música, com som típico capixaba, pode ser ouvido em outros estados e até mesmo fora do país”.

Nos estudos de folkmidia realizados pela professora Marlei Sigristi ficou evidenciado que a “imagem das múltiplas identidades culturais, que se tem presente no cotidiano dos campograndenses, tem se mostrado, timidamente associada ao modo como a mídia atua diariamente, em especial no caso dos paraguaios e seus descendentes radicados em Mato Grosso do Sul”.

A professora enfatizou que desenvolveu seu trabalho seguindo a proposta da Rede Folkcom, e teve como objetivo da investigação fazer “um perfil da folkcomunicação, na mídia, a partir da localização do homem e suas manifestações”. Iniciou a pesquisa verificando como a mídia pauta a cultura popular que está localizada na fronteira e identificou o que chamou de “desconhecido, porém, muito presente no cotidiano popular - o *ñe’ ê ngatu*”. Em se tratando de um estudo de programa de rádio na cidade de Campo Grande-MS que se caracteriza principalmente pelo trilingüismo, a professora analisou o linguajar da região fronteira. O programa enquanto está no ar trabalha ao mesmo tempo com as três línguas. Para finalizar a compreensão do contexto dessas transmissões e a relação emissor-receptor, fez um estudo sobre “a influência da cultura paraguaia na formação cultural do estado”.

Também seguindo a temática do evento o Professor Gadini fez um levantamento do “espaço que as comunidades ucranianas dispõem e, ainda, encontram na mídia paranaense para expressar seus valores, folclore e tradições; e como essas iniciativas estão sendo realizadas”. Esses aspectos foram alguns que a análise de programas radiofônicos pôde elucidar. Os programas que serviram de objeto do estudo foram produzidos por membros de



comunidades ucranianas no estado do Paraná, considerada uma das comunidades imigrantes mais importantes. Na conferência, o professor firmou-se nesses pontos que fazem parte de um estudo maior “de mapeamento das expressões étnico-culturais na mídia radiofônica paranaense”. Nessa apresentação, assim como na anterior, ficou mais elucidado que a radiodifusão da cultura ucraniana contribui para o fortalecimento da comunidade.

4. Olhares internacionais sobre a folkmídia

Com a mesma orientação que o painel anterior, o terceiro voltou-se para o estudo da Folkmídia no panorama internacional. Então, para esse intento foram indicados os pesquisadores que trouxeram em seus estudos as linhas e fundamentações no campo da folkcomunicação. Esses pesquisadores foram a professora Dra. Betânia Maciel com a pesquisa “O folclore mágico europeu e a igreja”, Professor Dr. Carlos Nogueira (Universidade de Lisboa-Portugal) com a temática “A anedota como folkcomunicação oral e a difusão na mídia” e Esmeralda Villegas (Bucaramanga-Colômbia), que retomou e aprofundou os estudos da conferência de abertura.

A professora Dra. Betania Maciel (UFRPE) fez sua explanação sobre seus estudos voltados ao estereótipo da bruxa veiculado pelos meios de comunicação. As bruxas são perseguidas mesmo antes da Idade Média, e para entender esse fato é necessário compreender todo o contexto que envolvia o cotidiano dessas mulheres. Rituais e magias. Segundo a pesquisadora “primeiramente devemos ter bem clara, a relação entre as crenças populares e as práticas mágicas que existiam na realidade da vida nas aldeias e a superestrutura teórica que a igreja criou e que interpretava e sistematizava essas crenças sob a forma de um *culto satânico*”. Ela faz uma explanação sobre os estudiosos que se detiveram nos relatos sobre bruxas pouco comprovam sua organização em grupos. “As idéias que as bruxas constituíam uma associação diabólica organizada que possuía líderes e organização (*assembléia*), que realizavam cultos noturnos (*Sabbat*) e que possuía rituais (*OsculumP profanum do diabo*: que significava o repúdio do cristianismo e a eleição de uma crença demoníaca, alimentos, profanos e orgias) são idéias que estavam na imaginação dos inquisidores”, apresenta. É a partir dessa idéia que Betânia desenvolve seu estudo relacionado a bruxaria, mais particularmente o que se conhece popularmente sobre isso: imagens e crendices. Também

desenvolve uma reflexão sobre os estereótipos que são veiculados na mídia e se firmam como conceito de bruxa e bruxaria para o senso comum.

O estudo sobre anedotas, apresentado pelo professor Carlos Nogueira, mostrou que esta “é a forma simples mais onnipresente e perene da nossa cultura da globalização”. O professor aponta que existem tratamentos diferenciados ao estudo da anedota, pois alguns estudiosos a consideram “pouco nobre ou digna, já porque se vale de um estilo despojado de artifícios retórico-estilísticos”, até por que traduzem situações “obscenas”, ou por estar “associada às classes mais baixas e incultas da sociedade”. Mas considera como uma forma de expressão utilizada por todas as classes sociais e categorias profissionais, portanto, podendo ter origem popular ou erudita, “com a certeza de que estes são conceitos cada vez mais fluidos, resolve-se no processo de popularização por que passam aquelas anedotas que ganham um lugar nos arquivos orais ou escritos (estes, com muita frequência, de suporte digital e analógico)”, informa Nogueira.

Em sua pesquisa ainda, o professor relaciona a anedota a adivinha pois traz características como o desafio e o risco que, exige uma perspicácia do receptor para identificar-se com tais histórias. Considera também que se trata de um “processo de socialização pela anedota que começa muito



cedo nas crianças (cerca dos quatro anos), pelo que o interesse destes textos pode ter um importante alcance pedagógico”.

Outro ponto que destaca enquanto processo de folkcomunicação é o aspecto da “subversão ou perversão da ordem instituída são elementos constituintes de base, a que se deve acrescentar os princípios da sua poética(...)”. Faz uma análise lingüística da piada identificando seus gêneros, sua estruturação e suas significações. Para isso, relata algumas piadas onde localiza tais características. O pesquisador observa que “a anedota ostenta uma dimensão intertextual, porque pode relacionar-se com outros textos que com ela dialogam e nela se projetam, enquanto se desdobra em variantes que continuamente se engendram.”

Para ele, a simplicidade da anedota é apenas hipotética, pois utiliza de “recursos como a ironia, o sarcasmo e o humor, explica em parte a notável multiplicação e celeridade de um corpo literário que responde quase de imediato a episódios de natureza social, cultural, política, religiosa, desportiva.” Desta maneira o professor leva a uma orientação de reflexão para a piada como folkcomunicação quando demonstra que essa maneira de comunicação estrutura um documento oral que registra hábitos, desejos, crenças, valores e personagens de uma comunidade, de uma região e até de um país. “A tendência da anedota para o jogo entre o verdadeiro e o falso, o ser e o parecer, o verosímil e o inverosímil, o natural e o fantástico, a sua expressão muitas vezes satírica e sempre humorística são apenas alguns dos aspectos que geram efeitos tão diversos como os evasivos, subversores, sacralizadores ou terapêuticos”, analisa.

E localizando tal manifestação folkcomunicacional na mídia, Nogueira finaliza dizendo que “a existência oral da anedota e, nos nossos dias, a escrita virtual, é uma das suas maiores forças, com este último registro a assumir cada vez maior relevância, prova de que o oral e o escrito se complementam mais do que se anulam, especialmente através dos meios tecnológicos (Internet, CD-Rom, telefones móveis), os quais permitem o trânsito imediato – e a universalização, pelo menos no espaço da lusofonia – de anedotas de criação recente.”

6. Considerações Finais



Podemos considerar que a VI conferência Brasileira de Folkcomunicação teve avanços quantitativos e qualitativos dentro das preocupações de sua Diretoria e Comitê Científico. Obteve mais de 600 pessoas inscritas para o evento, dentre elas professores, pesquisadores e alunos de cursos de comunicação social de todo o país; professores e alunos de escolas de ensino médio e lideranças comunitárias de cidades circunvizinhas de Campos de Goytacazes. Foi possível delimitar uma temática e uma metodologia de procedimentos para a apresentação das pesquisas. Houve uma preparação prévia de várias escolas através da realização de Seminários Regionais de Folkcomunicação, preparatórios para o envolvimento e desenvolvimento de pesquisas que atendessem à temática central e às referências teóricas.

Também consideramos como muito pertinentes as reflexões apresentadas nos painéis, principalmente o Pannel 1 que apresentou conceituações e pesquisadores que trazem a teoria da folkcomunicação para o novo contexto da globalização. E, nos demais painéis pudemos visualizar a aplicação dessas teorias em casos múltiplos de processos folkcomunicacionais. Ficou delimitado qual é o campo de estudo da folkcomunicação, bem como as teorias pertinentes e que podem subsidiar estudos nessa área – além de Luiz Beltrão, autores como Nestor Garcia Canclini, Marshal McLuhan, Alfredo Bosi, Jesus Martín-Barbero, Muniz Sodré, José Marques de Melo, Roberto Benjamin, Joseph Luyten foram citados como fundadores na tarefa de inventariar a Folkmídia.

Outra contribuição para o estudo da temática e para as acertivas metodológicas foram pontuadas nos CTAs -comunicações de trabalhos acadêmicos. Estruturados em oito núcleos, as comunicações estiveram dispostas com as seguintes denominações: Folkmídia: gêneros e formatos, Memória folkmidiática, Folkcomunicação diversional, Folkcomunicação utilitária, Folkcomunicação religiosa, Folkcomunicação nas festas populares, Folkcomunicação erótico-pornográfica. Foram 42 (quarenta e duas) apresentações que estiveram vinculadas ao campo da folkcomunicação. Os trabalhos foram selecionados a partir de dois critérios básicos: estar no campo da folkcomunicação e utilizar os referenciais teórico-metodológicos dessa área.

Nessas comunicações algumas pesquisas tiveram destaque quanto ao aprofundamento e adequação aos critérios, trazendo efetiva contribuição para a delimitação do campo da folkcomunicação, como os estudos dos professores Roberto Benjamin (UFPB), Severino Lucena (UFPB e Univates), Rosângela Marçolla (Umesp/Unifiam), por exemplo; e de pesquisadores vinculados a pós-graduações como Bruno Fuser (Pucamp), Marla Medeiros



(Umesp) e Maria Clécia Oliveira (Umesp); e de alunas de graduação como Tatiane Valente e Cristine Gonçalves (UMC). Por outro lado, muitos foram os estudos de casos apresentados ainda na fase intermediária de descrição pormenorizada do objeto e que, seus pesquisadores se comprometeram em realizar a análise e apresentá-la nos próximos eventos da rede – Seminários Regionais ou Conferências Nacionais.

Por fim, ficou determinado uma nova Conferência para o mês de maio do próximo ano na UNIVATES – Universidade do Vale do Taquarí, no Rio Grande do Sul, com a temática “Folkcomunicação Política”. E, seguindo as mesmas orientações, serão realizados seminários preparatórios regionais e a metodologia será divulgada previamente para que haja um maior engajamento de pesquisadores.

7. Indicações Bibliográficas

Anuário 5 Unesco / Umesp de Comunicação Regional / Cátedra Unesco de Comunicação para o desenvolvimento Regional, Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo: UMESP, 1997.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias.** Porto Alegre/RS: EDIPUCRS, 2001.

_____. **Comunicação e Folclore: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias.** São Paulo: Melhoramentos, 1971.

_____. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados.** São Paulo: Cortez, 1980.

Comunicação & Sociedade / Programa de Pós Graduação em Comunicação Social; Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo: Umesp, 2000.

D’ALMEIDA, Alfredo. **Folkmídia: a conceituação inovadora de Joseph Luyten.** VI Conferência Nacional de Folkcomunicação. São João da Barra/RJ: abril, 2003.

GADINI, Sérgio L. e ASSUMPÇÃO, Zeneida. **A cultura ucraniana na radiodifusão paranaense.** VI Conferência Nacional de Folkcomunicação. São João da Barra/RJ: abril, 2003.

LUCENA, Severino. **A nova abrangência da folkcomunicação segundo Roberto Benjamim.** VI Conferência Nacional de Folkcomunicação. São João da Barra/RJ: abril, 2003.

LUYTEN, Joseph. **A função e a utilidade da folkmídia.** VI Conferência Nacional de Folkcomunicação. São João da Barra/RJ: abril, 2003.



LUYTEN, Sônia. **A imagem do folclore no quadrinho internacional.** VI Conferência Nacional de Folkcomunicação. São João da Barra/RJ: abril, 2003.

MACIEL, Betânia. **O folclore mágico europeu e a igreja.** VI Conferência Nacional de Folkcomunicação. São João da Barra/RJ: abril, 2003.

MELO, José Marques de. **Folkmídia: a difusão do folclore pelas indústrias midiáticas.** VI Conferência Nacional de Folkcomunicação. São João da Barra/RJ: abril, 2003.

NOGUEIRA, Carlos. **A anedota como folkcomunicação oral e a difusão na mídia.** VI Conferência Nacional de Folkcomunicação. São João da Barra/RJ: abril, 2003.

OLIVEIRA, Marcelo Pires de . **A imagen das figureiras de Taubaté através da imprensa.** VI Conferência Nacional de Folkcomunicação. São João da Barra/RJ: abril, 2003.

SCHMIDT SILVA, Cristina. **Viva São Benedito!** Festa popular e turismo religioso em tempo de globalização. Aparecida,SP: Santuário, 2000.

SIGRIST, Marlei. **Ñé é ngatu: o comunicador da fronteira do Mato Grosso do Sul.** VI Conferência Nacional de Folkcomunicação. São João da Barra/RJ: abril, 2003.

SILVA, Carla P. e Silva, Raquel F. **Casaca: o som capixaba na mídia.** VI Conferência Nacional de Folkcomunicação. São João da Barra/RJ: abril, 2003.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **Folkcomunicação: conceito de Luiz Beltrão no tempo e no espaço.** VI Conferência Nacional de Folkcomunicação. São João da Barra/RJ: abril, 2003.

VILLEGAS, Esmeralda. **Folkcomunicação na aldeia global: a difusão radiofônica da música folclórica.** VI Conferência Nacional de Folkcomunicação. São João da Barra/RJ: abril, 2003.